

Insurgência - Reconstrução Democrática

MANIFESTO DE LANÇAMENTO

*A injustiça passeia pelas ruas com passos seguros.
Os dominadores se estabelecem por dez mil anos.
Só a força os garante.
Tudo ficará como está.
Nenhuma voz se levanta além da voz dos dominadores.
No mercado da exploração se diz em voz alta:
Agora acaba de começar.
E entre os oprimidos muitos dizem:
Não se realizará jamais o que queremos!
O que ainda vive, não diga: jamais!
O seguro não é seguro. Como está não ficará.
Quando os dominadores falarem,
falarão também os dominados.
Quem se atreve a dizer: jamais?
De quem depende a continuação desse domínio?
De quem depende a sua destruição?
Iguamente de nós.
Os caídos que se levantem!
Os que estão perdidos que lutem!
Quem reconhece a situação como pode calar-se?
Os vencidos de agora serão os vencedores de amanhã.
E o “hoje” nascerá do “jamais”.*

(Brecht - Elogio da dialética)

I - Ecosocialismo ou Barbárie!

Por todo lado eclodem as contradições e crises, cada qual mais grave que a outra. Capital contra trabalho, produtivismo contra natureza, neofascismo contra democracia. No centro dessas encruzilhadas, a luta entre as possibilidades emancipatórias e a continuidade de uma dinâmica social destrutiva de toda humanidade e do meio ambiente.

A crise contemporânea é, simultaneamente, a crise das relações humanas constituídas sob o comando da dominação social do capital, que estende sua destruição sobre as duas fontes de toda riqueza: o trabalho e a natureza. A continuidade da dinâmica capitalista, em sua sanha expansiva, alavancada por combustíveis fósseis desde a Revolução Industrial, está na raiz das crises presentes.

A solução deste impasse cobra a existência de uma organização capaz de compreender, em toda sua radicalidade, a realidade deste momento de profunda crise e de contribuir no impulsionamento de uma reorganização das classes e movimentos sociais em contradição com a dominação do capital, de caráter internacionalista e enraizada nas diversas lutas sociais, a qual parta de uma concepção que compreenda a "unidade em diversidade" dos processos de exploração, dominação e opressão, caracterizando, desde uma perspectiva histórica, o capitalismo enquanto essencial e eminentemente racista e patriarcal. Esse ponto de vista teórico-político, traduzido em ação, nos possibilita fazer um acerto de contas com o passado.

O capitalismo espalha sua tragédia e nos lança na barbárie, afetando desigualmente povos e territórios. Nós devemos semear resistências e construir a estratégia ecossocialista. A Insurgência - Reconstrução Democrática abraça esse desafio. Seu nascimento é reflexo das dificuldades deste tempo, mas também da compreensão de que precisamos nos reinventar e organizar as maiorias sociais na defesa da vida plena.

II - Vivemos tempos onde o medo do desastre eclipsa a esperança da mudança

Por toda parte crescem as expressões de esgotamento do sistema capitalista. O resultado é sua incapacidade de superar suas próprias contradições. Ao contrário, ao aprofundá-las, o capital avança contra os direitos sociais duramente conquistados nas lutas, que agora estão sendo reduzidos a pó. Trabalho precário, jornadas ampliadas e salários ainda mais baixos é o que o sistema impõe. O aprofundamento das desigualdades leva ao aguçamento dos conflitos, ampliando a opressão, que assume formas cada vez mais violentas, como vemos da Palestina às periferias brasileiras.

A destruição das formas de socialização tradicionais - em larga medida opostas à lógica mercantil desenfreada - transforma a dinâmica capitalista ainda mais rapidamente em mais um passo para a barbárie. Sua dinâmica atual bloqueia políticas de distribuição da riqueza que foram conquistadas antes e impõe a fome e o genocídio dos povos - notadamente populações negras e comunidades tradicionais - como verdadeiras sentenças de morte. O resultado do que o capitalismo apresenta como 'Progresso' é, na verdade, a destruição da natureza, do trabalho e dos modos de vida em sua diversidade, avançando contra tudo que não é subjugado à lógica do capital. Por todo lado, a crise da sociedade capitalista, que é intrinsecamente racista e patriarcal, se abraça com a crise ambiental em sua expressão mais dramática da emergência climática, explicitando as fronteiras históricas desse modelo de sociedade e a urgência de sua superação.

Infelizmente, a consciência dessa tarefa está ainda bloqueada pelos efeitos da derrota dos projetos de transição anticapitalistas do século XX e pela imposição do neoliberalismo, com seu estímulo ao individualismo, à concorrência entre as e os trabalhadores em busca de sobrevivência, ao consumismo como promessa de felicidade. O refluxo ideológico é aprofundado pelo fato de convivermos com o avanço da extrema direita, como vemos no Brasil pós-Bolsonaro. A ausência de um projeto radical e popular parece legitimar a aposta no continuísmo, como se não fosse possível uma alternativa ao capitalismo. Para a reversão desse quadro, são fundamentais as lutas cotidianas, mas é preciso apontar um horizonte de

transformação. Um projeto de recusa radical ao mundo do capital. Para tanto, é decisiva a constituição de uma esquerda que seja, a um só tempo, aberta e não sectária o suficiente para constituir alianças e nadar contra a corrente e firme o necessário para não sucumbir ao reformismo, ao oportunismo ou aos esmagamentos de toda natureza.

Mais que nunca, é preciso ressignificar o projeto revolucionário para o tempo atual. As condições difíceis em que vivemos mostram que é preciso mudar. Temos que transformar essa necessidade em possibilidade e ação coletiva. A esperança, para nós, é verbo. É preciso tornar ordem do dia o ajuste de contas com as experiências passadas, sejam os modelos burocráticos ou os progressismos que se adaptaram mais que transformaram a realidade. Recolocar as novas formas capitalistas no centro da crítica teórica e programática, forjar novas alianças entre os variados sujeitos subalternizados e oprimidos pela dominação do capital, construir um programa atualizado para um novo tempo. Sem essa reorientação de fundo, capaz de quebrar a desesperança que se apodera do mundo, é o projeto da barbárie e da catástrofe que triunfará.

III - Vivemos uma época de ódios

Sem a esperança revolucionária, resta o risco do colapso civilizatório e ambiental como fundamento subjetivo das relações sociais e da política cotidianas. Essa não pode ser e não é nossa opção.

É dessa estufa de desengano que as ideias conservadoras e fascistas retiram seu alimento e se fortalecem como “partido da desesperança contrarrevolucionária”. O partido de Bolsonaro, Trump, Milei, Erdogan... Só o despertar de uma nova esperança pode transformar a apatia e o medo em ações capazes de pôr em marcha um movimento internacionalista decididamente disposto a reverter essa correlação de forças e abrir caminho para que as muitas lutas cotidianas se reencontrem com a transformação social radical.

Na medida em que a crise se intensifica e a luta política se polariza, a alternativa ao neofascismo só pode vir da luta das e dos de baixo. Os governos de conciliação, espremidos entre o medo da fascistização social e a incapacidade de atender as demandas populares fundamentais, tornam-se mais limitados. Sem um programa de ação que empurre as linhas de força, rompa com a austeridade, garanta direitos, atue para reverter o aquecimento global e as alterações climáticas e semeie outras sociabilidades, o fascismo seguirá forte, para viabilizar a contínua expansão capitalista, sem mediações, promovendo a desinformação e o negacionismo para ocultar as raízes sistêmicas dos problemas.

Toda a experiência histórica acumulada nos mostra que governos de conciliação, meio cá e meio lá, não são suficientes para deter a ameaça das extremas direitas. No melhor dos casos são trincheiras improvisadas. O apoio a esses governos por parte da esquerda revolucionária é uma expressão de nossas próprias debilidades, nunca um sinal de força. Reconhecendo essas dificuldades, soubemos apoiá-los, corretamente, em diferentes momentos da história, mas tendo a nitidez de que não são nossos governos. Nosso desafio é também de encontrar a justa medida desses movimentos. A renúncia à delimitação com esses governos,

ainda que nos marcos da frente única com estes, desarma a resistência independente da classe e pavimentava novas derrotas - inclusive o retorno dos fascistas ao poder governamental.

IV - Esperança e organização para enfrentar a dispersão

A Insurgência surgiu, em 2013, como uma nova organização na esquerda brasileira fruto da fusão de três organizações com a tarefa de enfrentar a dispersão, na defesa de que o PSOL continuasse sendo um partido de esquerda necessário para a reorganização de lutadores e lutadoras, superando o projeto neodesenvolvimentista e de conciliação com o andar de cima, buscando vertebrar um caminho alternativo. Passada uma década, nossos desafios se aprofundaram, pois emergiu uma extrema-direita que nos ameaça. Derrotá-la tornou-se nossa tarefa mais imediata.

Para tanto, construímos diversas lutas contra Bolsonaro e seus comparsas. Apoiamos e militamos em defesa da eleição de Lula, em 2022. Aportamos contribuições programáticas, em diversos espaços, a fim de que pudéssemos avançar ou, ao menos, reduzir os impactos da enorme destruição que vivemos nos últimos anos no Brasil. Cientes dos desafios do presente, defendemos o governo Lula frente aos ataques do neofascismo brasileiro, mas suas contradições se agudizam. É preciso, pois, atuar com autonomia na defesa dos interesses de nossa classe, dos setores oprimidos e da natureza. As greves do serviço público em curso, que contam com nossa mobilização, são demonstrações disso. A atuação do nosso mandato na Assembleia do Ceará, que tem sido firme na denúncia da extrema direita e na defesa do nosso projeto político e dos movimentos sociais, é também exemplo de uma política correta para o tempo presente. No mesmo sentido, nossa bancada federal, expressão importante do nosso partido, deve manter uma postura de defesa do governo contra a direita e, simultaneamente, ter autonomia.

Sabíamos, todavia, que construir um novo caminho e um novo ciclo da esquerda brasileira continuava e continua sendo a tarefa que temos pela frente, à serviço da luta pelo socialismo democrático, ecológico e libertário. É por isso que construímos o PSOL. O PSOL nasceu como um abrigo para a esquerda democrática, em alternativa ao petismo que se acomodava à ordem. Cresceu, consolidou-se de maneira plural, tornou-se o partido mais afinado às lutas dos diversos grupos em contradição com o capital, como trabalhadores e trabalhadoras, mulheres, negritude e LGBTQs. Tornou-se o partido que mais agrega e coloca em movimento a juventude! O partido que, cada vez mais, abraça a compreensão de que não há planeta B. Que o nosso socialismo é também ambientalista.

Temos, contudo, enormes desafios. Precisamos rejeitar as pressões burocratizantes. Alertamos para o fato de que recursos materiais vultosos devem ser utilizados como alavancas que contribuam para a organização de lutas tão necessárias, como organizar os precarizados e precarizadas, as entregadoras e entregadores, as lutas das mulheres, a negritude, as LGBTQs, os povos e comunidades tradicionais. Tememos que o partido entre numa ciranda em que o peso material seja destinado à domesticação interna a serviço de um único

projeto de direção hegemônica. Por isso, chamamos o partido e sua militância a não esquecer que é na luta antifascista e ecossocialista que semeamos o futuro, ocupando as ruas e os territórios.

V - Um novo tempo!

Diferenças de conteúdo e de método levaram à ruptura da organização. Uma nova divisão na esquerda não é desejável, mas foi consolidada quando companheiras e companheiros abriram mão do debate e suspenderam, unilateralmente, contra as normas regimentais, uma Conferência Nacional em que TODAS as delegadas e delegados já haviam sido eleitas/os em espaços unificados nos estados.

A dispersão não é uma opção. Ao contrário, o tempo presente exige militar mais, organizar mais, formar novas gerações no marxismo aberto, crítico e internacionalista, resistir e avançar, nas lutas e no PSOL, nosso partido tão necessário.

1. Apresentamos à militância do PSOL e da esquerda, em geral, nossa nova corrente, a INSURGÊNCIA RECONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA. A organização nasce unida na defesa de um PSOL mais unitário e com um regime interno mais democrático. A antiga Insurgência, enquanto manteve-se como expressão do seu projeto originário, cumpriu em sua curta e indispensável história um papel importante na transformação do PSOL no primeiro partido ecossocialista da esquerda brasileira e na compreensão de que nossa classe é diversa, assim como devem ser as lutas e a sociedade que sonhamos. Seguiremos reafirmando o PSOL como instrumento fundamental da esquerda brasileira, ao passo que lutaremos pela correção de rumos que possam desviar o PSOL de sua tarefa.
2. A Insurgência RD permanece no Campo Semente, em que temos atuado, em diversos estados, a fim de avançar em sínteses em torno do PSOL, para que seja mais democrático, militante e avance na estratégia ecossocialista.
3. Defendemos que ao fim deste ano, à luz do balanço da atuação do partido e dos processos eleitorais, o campo Semente deve voltar a examinar suas relações com a maioria dirigente e a necessidade de um terceiro campo no PSOL.
4. A Insurgência RD trabalhará pelo fortalecimento e reorganização da IV Internacional no Brasil e em nosso continente, contribuindo para a concretização de iniciativas comuns entre nossas organizações, sindicatos e os movimentos sociais, a fim de construir um novo internacionalismo militante, anticapitalista, que se irmane às lutadoras e lutadores de todos os continentes.
5. Seguiremos atuando em movimentos como o RUA - Juventude Anticapitalista, o Movimento Negro Unificado e o Esperança Garcia. É fundamental ainda ampliarmos nosso trabalho sindical, hoje bastante firmado nas organizações de professoras e professores, e colaborar com a construção de movimentos de mulheres, LGBTs e ambientalistas. Afinal, como há tempos entendemos na IV Internacional, precisamos de uma esquerda pluralista, enraizada nos movimentos sociais, nas comunidades e nos centros de trabalho, que integre a combatividade

dos trabalhadores, as lutas antirracistas, as lutas pela libertação e emancipação das mulheres, LGBTs e as lutas ecológicas, lideradas, em diversos territórios, por povos e comunidades que nos ensinam com seus modos de vida e com sua tão antiga resistência.

*No novo tempo
Apesar dos castigos
Estamos crescidos
Estamos atentos
Estamos mais vivos
Pra nos socorrer*

*No novo tempo
Apesar dos castigos
De toda fadiga
De toda injustiça
Estamos na briga
Pra nos socorrer*

*No novo tempo
Apesar dos castigos
Estamos em cena
Estamos na rua
Quebrando as algemas
Pra nos socorrer*

*No novo tempo
Apesar dos perigos
Da força mais bruta
Da noite que assusta
Estamos na luta
Pra sobreviver*

*No novo tempo
Apesar dos perigos
De todos pecados
De todos enganos
Estamos marcados
Pra sobreviver*

*No novo tempo
Apesar dos perigos
A gente se encontra
Cantando na praça
Fazendo pirraça
Pra sobreviver*

*Pra que nossa esperança
Seja mais que vingança
Seja sempre um caminho
Que se deixa de herança*

*Pra que nossa esperança
Seja mais que a vingança
Seja sempre um caminho
Que se deixa de herança*

(Ivan Lins e Vitor Martins)

insurgência

